

Teodoro Rodrigues assume a Polícia Civil

HERBERTH GOMES

06 MAR 1996

JORNAL DE BRASÍLIA

Arquivo

O delegado Teodoro Rodrigues, 50 anos, é o novo diretor da Polícia Civil. O anúncio foi feito ontem pelo governador Cristovam Buarque e Teodoro assume o cargo hoje às 11h. Ele irá substituir o delegado Ulisses Moreno que na segunda-feira pediu exoneração do cargo alegando motivos particulares.

Tão logo o pedido de exoneração de Ulisses Moreno foi comunicado pelo secretário de Segurança Pública, general Gilberto Serra, o nome de Teodoro Rodrigues passou a ser cogitado para a direção da Polícia Civil.

Segundo Achilles Benedito de Oliveira, presidente do Sindicato dos Delegados do Distrito Federal, o prestígio de Teodoro aumentou junto a Cristovam Buarque por causa da investigação paralela das denúncias contra o deputado Manoel de Andrade, o Manoelzinho, acusado de tráfico de drogas. Teodoro não comunicou a Ulisses que vinha fazendo a investigação.

Grampo - Achilles de Oliveira lembrou que os delegados Pedro Ribeiro, Valmir Alves de Carvalho, Francisco Crisanto e Mário André Carvalho, secretário adjunto de Segurança Pública, também foram cogitados pelo Governo para substituir Ulisses Moreno.

Teodoro Rodrigues está em Brasília há 20 anos, entrou para a Polícia Civil em 1982, é desquitado

e tem três filhos. Durante 18 anos foi da Marinha e na capital chefiou as Delegacias de Tóxicos e Entorpecentes (DTE), a Delegacia de Roubo e Furtos de Veículos (-DRFV), a 16ª, 17ª e 13ª DP, além de ter administrado a Coordenação de Polícia Especializada (CPE). Conhecido como delegado de ação, em 1985 Teodoro foi citado injustamente no caso Mário Eugênio.

Durante o período em que esteve à frente da DTE, Teodoro prendeu várias quadrilhas que lideravam o tráfico no Distrito Federal. Ele também grampeou telefones de um empresário e entregou as fitas à imprensa, complicando na época a vida de um assessor do então governador Joaquim Roriz.

Teodoro é o quarto diretor da Polícia Civil indicado pelo governador Cristovam Buarque em menos de um ano e meio.

Descrédito - O presidente do Sindicato lembra que antes de Cristovam assumir o Governo, a instituição teve apenas oito diretores em 30 anos.

“Estas mudanças de diretores em períodos curtos deixam a polícia desacreditada junto à população”, ressaltou.

Teodoro dará uma entrevista coletiva após a posse, anunciando suas metas para a Polícia Civil. Amigo do escritor Josué Montello, Teodoro foi o fundador do Museu de Tóxico e Entorpecentes e é tido como bom investigador pelos colegas.



Teodoro Rodrigues ganhou prestígio com a investigação paralela

Deputado quer estabilidade

As frequentes mudanças de nomes para a direção geral da Polícia Civil do Distrito Federal levaram ontem o deputado Renato Rainha (PL), delegado de polícia, a apresentar projeto de emenda à Lei Orgânica propondo estabilidade de dois anos para quem ocupa o cargo. O projeto, encaminhado com pedido de urgência para a votação, determina também que o governador terá de submeter à Câmara Legislativa o nome do diretor-geral ou pedido de destituição.

O deputado explicou que em pouco mais de um ano ocorreram quatro substituições no cargo de diretor geral da Polícia Civil, o que, segundo ele, está desestabilizando o setor de segurança pública na capital do País. O primeiro diretor, Milton Barbosa, permaneceu no cargo até março do ano passado e foi substituído por Valdemar Gomes Ribeiro, que saiu em dezembro. Na última segunda-feira, seu substituto Ulisses Moreno, insatisfeito com a condução do caso Manoelzinho, pediu exoneração.

“Recebi com muita preocupação o pedido de exoneração de mais um diretor da Polícia Civil. Isso é prejudicial porque quebra a continuidade administrativa de uma instituição que é responsável por reprimir a criminalidade e com isso afeta a estabilidade da segurança pública”, disse Rainha.

O deputado Renato Rainha assegurou que a estabilidade de dois anos é importante para o bom desempenho do cargo. “Cabe à Polícia Civil apurar as infrações penais com exclusividade. No momento em que apura infrações envolvendo pessoas com grande poder econômico ou político, como aconteceu com o inquérito envolvendo o economista José Carlos Alves dos Santos, da CPI do Orçamento, sofre todo tipo de pressão. Portanto, é fundamental manter essa estabilidade”, argumentou.

A saída de Ulisses foi lamentada também pelo governista Cláudio Monteiro. Para o deputado, que não quis comentar o motivo que levou Moreno a sair do cargo, ele vai fazer muita falta à instituição.